

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE MUNDO NOVO
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

Larina Albuquerque Gonçalves Galdino

**CONHECIMENTOS, PRÁTICAS E PERCEPÇÃO DE RISCO
EM RELAÇÃO ÀS DOENÇAS SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS DOS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO
ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE MUNDO
NOVO - MS**

Mundo Novo - MS

Dezembro/2020

LARINA ALBUQUERQUE GONÇALVES GALDINO

**CONHECIMENTOS, PRÁTICAS E PERCEPÇÃO DE RISCO
EM RELAÇÃO ÀS DOENÇAS SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS DOS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO
ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE MUNDO
NOVO - MS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vanessa Daiana Pedrancini

Mundo Novo – MS

Dezembro/2020

LARINA ALBUQUERQUE GONÇALVES GALDINO

**CONHECIMENTOS, PRÁTICAS E PERCEPÇÃO DE RISCO
EM RELAÇÃO ÀS DOENÇAS SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS DOS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO
ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE MUNDO
NOVO - MS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Biológicas.

APROVADO EM 01 de Dezembro de 2020

Participação remota por vídeo conferência

Profa. Dra. Vanessa Daiana Pedrancini - Orientadora- UEMS Vanessa D. Pedrancini

Participação remota por vídeo conferência

Profa. Ma. Célia dos Santos Moreira - Secretária de Estado de Educação de Mato Grosso do

Sul (SED/MS) /Universidade Estadual de Maringá (UEM) Célia dos S. Moreira

Participação remota por vídeo conferência

Profa. Ma. Ana Paula Mendonça - Secretária de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul

(SED/MS) Ana Paula Mendonça

* Participação por vídeo conferência de acordo com a INSTRUÇÃO NORMATIVA PROPP/UEMS Nº 001, de 07 de maio de 2019, Portaria UEMS N.º 018, de 16 de março de 2020 para enfrentamento à COVID - 19.

*Dedico este trabalho a minha mãe, Clenise, e
minha irmã, Lorena, que sempre me apoiaram e
deram todo suporte necessário para que eu
pudesse chegar até aqui.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe Clenise, pelo amor, carinho, dedicação, compreensão, oportunidades, paciência, enfim, minha mãe é sem dúvida nenhuma a grande responsável por essa vitória.

À minha irmã Lorena, por todos os momentos de apoio, carinho, incentivo, credibilidade na construção desse sonho, e confiança depositada em mim,

À minha orientadora, Profa. Dra. Vanessa Daiana Pedrancini, que colaborou muito para a realização deste trabalho, sempre disposta a esclarecer minhas dúvidas e sempre muito atenciosa.

Aos meus bebês Bonno e Bolt, meus cachorros, que tanto me escutaram e me deram carinho durante todos esses anos.

À minha amiga Bruna Vidovix por ter me dado apoio, em todas as situações, inclusive nos momentos de loucura e extrema raiva, ao meu namorado Diego Rocheteau que esteve ao meu lado, me passando tranquilidade, torcendo por mim, e acreditando que eu seria vitoriosa, muito obrigada amor.

Aos meus amigos, Andréia Carmona, Mauri Pereira, Julia Carmona, que me acolheram como parte da família quando cheguei na cidade e que sempre estiveram ao meu lado durante esta longa caminhada. Não poderia deixar de dedicar este trabalho à Sabrina Pereira e à sua família que são muito especiais para mim, agradeço por me receberem tão bem e por me proporcionarem momentos maravilhosos.

A todos que não citei, mas que me apoiaram e incentivaram ao longo de todos esses anos.

E à esta instituição na qual me formo, e a todos os meus professores pelos ensinamentos e pelas palavras que levarei sempre comigo.

“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo”.

Albert Einstein (1879 -1955)

RESUMO

As Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) representam grande preocupação para a saúde pública, por atingir uma grande parcela da população, em especial os adolescentes. Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo investigar e analisar o conhecimento, práticas e percepção de risco em relação às DSTs dos alunos do terceiro ano do ensino médio das escolas estaduais de Mundo Novo - MS. Para isso, foi elaborado e aplicado um questionário a 64 estudantes que se dispuseram a participar da pesquisa, abordando os seguintes aspectos: conhecimento dos alunos sobre as DSTs no que se refere ao contágio, prevenção e tratamento; a preocupação dos alunos em relação aos possíveis riscos de adquirirem alguma DST e como essas informações são adquiridas. Os dados coletados foram analisados qualitativamente por meio da análise de conteúdo. Foi possível concluir que os alunos sabem que é de extrema importância se prevenir contra as DSTs, porém, o conhecimento dos alunos é superficial e constituído por concepções distorcidas, reforçando a necessidade de desenvolver uma abordagem estratégica, a fim de oferecer conhecimentos corretos e apropriados para cada fase da vida do adolescente, promovendo mudanças a longo prazo no comportamento em relação às DSTs.

Palavras-chave: Temas Transversais, Ensino de Biologia, Adolescente, DSTs.

SUMÁRIO

1. Introdução	9
2. Objetivos.....	11
2.1. Objetivo geral.....	11
2.2. Objetivos específicos.....	11
3. Metodologia	11
4. Resultados e discussão	13
4.1. Percepção de risco em relação às DSTs.....	14
4.2. Grau de informação dos alunos: sobre contágio, prevenção e tratamento das DSTs	16
4.3. Local de aquisição das informações.....	24
4.4. Como abordar as doenças sexualmente transmissíveis no âmbito escolar.....	25
5. Considerações finais.....	26
Referencias.....	28
Apêndices	32

1. INTRODUÇÃO

Adolescência é um período de transição entre a infância e a idade adulta e, segundo o art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990) é o intervalo que vai dos doze até os dezoito anos de idade, é uma fase caracterizada por várias transformações corporais, cognitivas, sociais, emocionais, e todo esse desenvolvimento pode afetar a formação individual dos jovens.

No início da adolescência ocorre a puberdade, é nessa fase que os jovens precisam aprender a lidar com aumento na produção dos hormônios que induzem ao desenvolvimento anatômico; nos meninos esse hormônio tem o nome de testosterona e é ele que leva ao aparecimento dos pelos, engrossamento da voz, crescimento corporal e primeira ejaculação; já nas meninas, o hormônio é o estrogênio que induz o desenvolvimento das mamas, o aparecimento de pelos, inicia-se também a menstruação; em ambos os sexos os hormônios levam ao desenvolvimento dos órgãos sexuais. Nessa fase os adolescentes iniciam, de forma espontânea, o envolvimento emocional e sexual, ficando expostos cada vez mais cedo às doenças sexualmente transmissíveis (ALMEIDA, 2009).

As Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) são causadas por vários tipos de agentes, como vírus, bactérias e podem ser transmitidas, de forma geral, por contato sexual sem o uso de camisinha, com uma pessoa que esteja infectada, ocasionando, geralmente, feridas, corrimentos, bolhas ou verrugas (BRASIL, 2015). Atualmente as DSTs também são chamadas de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), essa terminologia passou a ser adotada por causa da possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sendo assintomática, porém o termo DST ainda é utilizado pelos programas de atenção à saúde (BRASIL, 2020). A escolha do termo DST nesse trabalho deve-se ao fato de ser mais conhecido pela população por causa das campanhas e programas de atenção à saúde realizadas pelo governo.

Os adolescentes estão expostos a uma série de conflitos e influências sociais e culturais. Nesse contexto, temos as orientações familiares, religiosas e todo o conteúdo midiático que interferem nos conhecimentos, práticas e percepção deste público em relação às DSTs. As informações divulgadas pela mídia, muitas vezes, promovem uma visão distorcida sobre opção sexual, experiências sexuais e prevenção de DST, entre outras questões, quando conversadas e discutidas apenas entre adolescentes (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1997), a inclusão das temáticas sociais, como DSTs, nas aulas é de grande importância para os jovens, já que são assuntos que podem influenciar na postura tanto dentro quanto fora da escola. O tema orientação sexual deve ser tratado durante a formação dos adolescentes para o combate aos preconceitos, as escolas devem permitir que o tema seja debatido de forma a esclarecer suas dúvidas sem constrangimentos, dessa maneira conscientizar os alunos sobre prevenções que devem ser tomadas e sobre saúde (BRASIL, 1997).

A educação vai muito além do cenário da sala de aula, sendo essencial o desenvolvimento de estratégias e ações educativas, podendo assim trabalhar o tema de várias maneiras, como em forma de gincanas, palestras, oficinas didáticas ou por meio de inclusive de parcerias com a secretaria de saúde e com instituições de ensino superior, propiciando uma maior construção de conhecimento pelos alunos e sensibilização destes acerca das DSTs (NUNES; SEFFNER, 2018).

Pesquisas anteriores mostram que o nível de escolaridade, o contato direto com a violência, o nível de autoestima e a falta de uma organização familiar influenciam no nível de informação do jovem sobre o tema sexualidade, sendo preciso a adoção de estratégias para o controle e prevenção das DSTs (COELHO *et al.*, 2011).

Carneiro *et al.* (2015, p. 105) nos mostram a importância de se trabalhar o tema:

Atentar para sexualidade dos adolescentes é uma necessidade que pode contribuir para reduzir problemas no que diz respeito à sua vida pessoal e social. Salientamos o papel fundamental da escola em sua educação sexual, visto ser esse o ambiente adequado para a aprendizagem não só da anatomia e da fisiologia do corpo humano, de métodos de prevenção da gravidez precoce e das DST, mas também para o desenvolvimento de sua autonomia.

A importância de se falar sobre sexualidade nessa faixa etária vem do aumento dos casos de DSTs e também das consequências acarretadas na vida do adolescente. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2018), no ano de 2018, foram notificados 15.471 novos casos de AIDS, dos quais 2.006 ocorreram em jovens com idade entre 15 e 24 anos. No estado de Mato Grosso do Sul notificaram 273 casos de AIDS e 37 casos entre jovens com faixa etária de 15 a 24 anos. Além disso, em âmbito nacional, foram registrados 24.281 novos casos de sífilis em gestantes, desses casos 6.200 ocorreram em jovens entre 15 e 19 anos. Em 2017, registraram 13.482 casos de Hepatite B, taxa por 100.000 habitantes.

Outro aspecto preocupante, como destacado por Silva (2015, p.235) é:

O conhecimento a respeito das DSTs, independentemente de ser na escola pública ou particular, é superficial e incipiente, possivelmente por esse tema não ser

trabalhado de uma forma mais aprofundada nas escolas. Isto é preocupante porque é certo que nessa fase da adolescência eles estão iniciando sua vida sexual e o conhecimento é uma das formas para a prevenção das DSTs.

Diante desse cenário a presente pesquisa torna-se importante, pois investigou o conhecimento, práticas e a percepção dos adolescentes sobre o risco das DSTs, auxiliando nas reflexões e discussões acerca da inclusão de metodologias mais eficazes para a abordagem do tema nas escolas.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Investigar e analisar o conhecimento, práticas e percepção de risco em relação às DSTs dos alunos do terceiro ano do ensino médio das escolas estaduais de Mundo Novo – MS.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar e analisar o conhecimento dos alunos sobre as DSTs no que se refere ao contágio, prevenção e tratamento;
- Analisar a preocupação dos alunos em relação aos possíveis riscos de adquirirem alguma DST;
- Apurar o grau de informação dos alunos e é adquirida;
- Apresentar formas de se trabalhar o tema, de acordo com as dificuldades apresentadas pelos alunos.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada nas três escolas estaduais existentes no município de Mundo Novo- MS. A população estudada foi constituída por alunos do terceiro ano do ensino médio do período matutino; a seleção do ano de ensino se deu por estes alunos estarem na etapa final da educação básica e a escolha do período matutino, ao invés do noturno, decorreu pelo fato dos alunos deste período possuírem maior disponibilidade para responderem o questionário e por este turno contemplar maior número de alunos e turmas. Antes de a pesquisa ser iniciada, o projeto foi apresentado à direção das

instituições que autorizaram sua realização e, em seguida, aos alunos, sendo selecionados aqueles que se dispuseram a participar da pesquisa.

A coleta de informações foi feita por meio da aplicação de um questionário estruturado com 08 questões abertas e fechadas, abordando a temática DST e contemplando os seguintes aspectos: conhecimento dos alunos sobre as DSTs no que se refere ao contágio, prevenção e tratamento; a preocupação dos alunos em relação aos possíveis riscos de adquirirem alguma DST e como essas informações são adquiridas. (Apêndice A). Segundo Gil (2009), o questionário é um conjunto de questões feitas com o fim de gerar os dados necessários para se atingir os objetivos de um projeto, sendo muito importante na pesquisa científica.

Para avaliar o questionário em relação à interpretação, organização e à clareza das questões, e conseqüentemente melhorar e evitar eventuais problemas, antes da aplicação definitiva, foi elaborado um teste-piloto (Apêndice B), que foi aplicado para quatro alunos, matriculados no terceiro ano do ensino médio de uma escola privada, localizada também na cidade de Mundo Novo –MS, que não havia sido selecionada para participar dessa pesquisa. De acordo com Bailer, Tomitch e D'Ely (2011, p. 130), “o estudo piloto é fundamental, uma vez que pode revelar falhas sutis na estruturação do projeto ou na implementação do estudo, que, muitas vezes, não estão aparentes no plano da pesquisa”.

Ao analisar as respostas do teste piloto (Apêndice B), foi possível verificar que a questão que indagava quais doenças eram consideradas DSTs pelos alunos ficaria mais entendível para ser respondida se constasse alternativas, invés de deixá-la aberta.

A aplicação do questionário ocorreu nos dias 03, 04 e 05 de junho de 2019 a 64 alunos que aceitaram responder os questionários individualmente de forma anônima, sem pesquisa; o questionário foi aplicado presencialmente pela acadêmica autora desse trabalho durante o período de aula dos alunos, os quais tiveram cerca de 20 a 30 minutos para responder ao questionário.

Os dados obtidos por meio dos questionários foram analisados e organizados, tendo como base a metodologia de análise de conteúdo indicada por Bardin (2016), escolhida por ser mais ajustável à investigação qualitativa do tema dessa pesquisa. Após uma análise inicial dos dados, emergiram um tema e três categorias para o agrupamento das respostas dos alunos às perguntas do questionário, de acordo com o quadro 1; o uso desse método facilitou a interpretação dos resultados.

Quadro 1 – Temas e categorias para análise dos resultados

TEMA	CATEGORIAS
Concepções sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis	Percepção de risco
	Grau de informação dos alunos sobre contágio, prevenção e tratamento
	Local de aquisição das informações

Também para facilitar a análise, procedeu-se a transformação dos dados da forma numérica para porcentagem simples e organização em quadros (Apêndice C). Algumas respostas dadas pelos alunos são apresentadas nos resultados, selecionadas de acordo com os objetivos da pesquisa, porém é garantido o anonimato destes, os quais são identificados pela letra ‘A’ de aluno, seguida por um número atribuído a cada indivíduo de forma aleatória.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa teve a participação de 64 estudantes, matriculados em três escolas estaduais localizadas na cidade de Mundo Novo –MS. Responderam aos questionários, 39 estudantes do gênero feminino, 21 do gênero masculino e 4 estudantes não responderam a qual gênero pertencem. A faixa etária dos participantes foi de 16 a 20 anos de idade, porém com maior porcentagem de participantes com 17 anos (47%) e 18 anos (34%) (FIGURA 1).

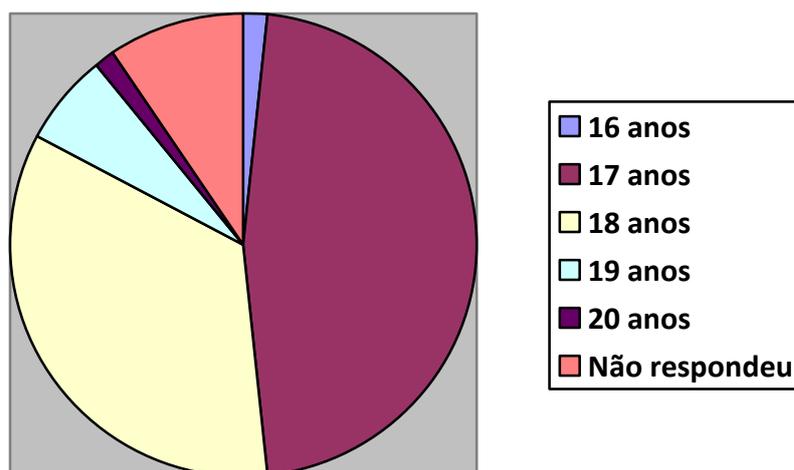


Figura 1 - Faixa etária dos alunos que responderam o questionário

Dos alunos que aceitaram participar da pesquisa, 98% responderam que já tinham ouvido falar em Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e 2% assinalaram que não tiveram até aquele momento contato com o termo.

Observamos que o percentual de adolescentes que já ouviram falar do tema é grande. Segundo Moreira e Folmer (2011), a educação sexual na escola deve permitir que os alunos tenham conhecimentos para compreender, refletir e participar, de forma consciente, de assuntos relacionadas à sexualidade, auxiliando em escolhas responsáveis em sua vida sexual e, conseqüentemente, ocasionando uma vida mais saudável.

Ressalta-se que o alto percentual de adolescentes que ouviram falar sobre DSTs deve-se ao fato deste tema fazer parte do currículo de Ciências e Biologia, assim como constitui um tema transversal proposto pelos PCNs – Tema transversal – sexualidade, desde meados da década de 1990.

O PCN (BRASIL, 1998, p. 293) justifica a proposta do tema sexualidade na escola por “[...] articula-se, com a promoção da saúde das crianças, dos adolescentes e dos jovens. A existência desse trabalho possibilita a realização de ações preventivas das doenças sexualmente transmissíveis/Aids de forma mais eficaz” (BRASIL, 1998, p. 293).

Dos objetivos gerais do PCN (BRASIL, 1998, p. 311) para a temática abordada, vale ressaltar algumas, são elas:

- O aluno deve conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir prazer sexual;
- identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos discriminatórios e intolerantes e analisando criticamente os estereótipos.
- agir de modo solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo em ações públicas voltadas para prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis/Aids;
- conhecer e adotar práticas de sexo protegido, desde o início do relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da Aids;
- evitar uma gravidez indesejada, procurando orientação e fazendo uso de métodos contraceptivos;
- consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade

Por outro lado, como ressaltado por Doreto e Vieira (2007), os adolescentes representam um grupo que precisa de mais atenção, pois geralmente iniciam atividade sexual cedo e apresentam baixo conhecimento sobre as DSTs.

4.1. Percepção de risco em relação às DSTs

Ao serem questionados acerca do grau de gravidade que associavam às DSTs, 89% consideram as DSTs muito graves, 2% consideram pouco graves e 9% não souberam responder.

Questionados sobre quais as pessoas que podem pegar DST, 97% dos alunos responderam essa questão e, dentro desse valor: 37% dos alunos afirmaram que as pessoas que têm relação sexual sem nenhum tipo de prevenção estão sujeitas a pegarem alguma DST; 29% manifestaram que apenas as pessoas que têm relação sexual, mas não citaram sobre a utilização de métodos de prevenção; 18% dos alunos afirmaram que todas as pessoas sem exceção podem pegar DST; 16% citaram que se pode adquirir uma DST através de relação sexual e em outras ações por meio das quais se pode ter contato com o sangue contaminado, respondendo:

A60- Todas as pessoas que fizerem relação sexual sem camisinha ou que entrar em contato com sangue contaminado.

A38- Através de relação sexuais, cortes também, pode vir pela genética, todas as pessoas que não se cuidam pode pegar.

A2- Qualquer pessoa.

A14- As que não se previnem.

A25- As que praticam sexo.

A5: Todas.

Apenas 3% dos alunos que responderam os questionários afirmaram não saber quem pode pegar DSTs; apesar de ser uma porcentagem pequena, é, ao mesmo tempo, uma informação que nos abala, pois se trata de adolescentes que estão na fase de descobertas e curiosidades, principalmente na vida sexual. Por outro lado, mesmo havendo uma grande porcentagem de alunos que reconhece que as DSTs são transmitidas por relação sexual, poucos reconheceram outras maneiras de se adquirir uma DST, como, por exemplo, agulhas contaminadas, transfusão de sangue e também de forma transversal, que é de mãe para filho durante a gravidez (BRASIL, 2019). Essa última forma de transmissão citada pode levar os adolescentes a erros conceituais, como ocorreu com 3% dos alunos ao citarem que a DST pode vir pela genética. Logo, é preciso explicar que a transmissão pode ocorrer durante a gestação por meio intrauterina, durante o trabalho de parto através do contato do bebê com as secreções e o sangue materno e até mesmo após o nascimento através da amamentação (BRASIL, 2019).

Outras formas de transmissão, além da relação sexual, podem ser o beijo, empréstimo de batons e protetores labiais, caso existam lesões na boca, e até mesmo através

de toalhas e roupas íntimas (PENELLO *et al.*, 2010; Sociedade Brasileira de Dermatologia Regional São Paulo, 2020; FRANCIA, 2020).

O fato de alguns alunos não citarem a prevenção é preocupante, pois não permite saber suas convicções, os seus mitos e tabus sobre o tema. Conceitos errados, informações falsas e sem fundamento aumentam as condições de risco de o adolescente contrair alguma DST.

No trabalho de Doreto e Vieira (2007), 65,5% das adolescentes revelaram acreditar que não possuem risco de contrair alguma DST mesmo afirmando terem relações sexuais sem proteção. Bretas *et al.* (2009) afirmam que adolescentes possuem a convicção de serem imunes as DSTs, o que mostra a ingenuidade dos adolescentes. Oliveira *et al.* (2018) afirmam que os adolescentes conhecem os métodos de prevenção das DSTs, mas não possuem percepção da vulnerabilidade em relação aos danos causados pelas DSTs.

4.2. Grau de informação dos alunos sobre contágio, prevenção e tratamento das DSTs

Perguntou-se aos alunos quais doenças são consideradas DSTs, sendo apresentadas 13 opções entre DSTs e outras doenças. Dentre as doenças assinaladas pelos estudantes, a Aids foi a mais assinalada, sendo reconhecida como DST por 98% dos alunos, seguida por sífilis, a herpes e o Papilomavírus Humano (HPV) (53%), gonorreia (44%), cândida (17), cancro mole (11%) e hepatite viral (5%). Por outro lado, 3% assinalaram o sarampo, 2% marcaram malária, dengue, leishmaniose e toxoplasmose e 2% dos alunos escreveram que a verruga é uma DST. É preciso ressaltar que verruga na região genital, apesar de não ser a DST, pode ser um sintoma de uma DST, como por exemplo no caso do *Condiloma acuminado* (HPV) (BRASIL, 2015)

Os alunos não indicaram nenhuma DST além das que foram colocadas como opções na pergunta e, com exceção da Aids, as DSTs foram pouco reconhecidas pelos participantes, apesar de serem doenças ‘comuns’ na sociedade e constituírem os temas transversais nas escolas. Ao comparar os dados dessa pesquisa com outros trabalhos realizados é perceptível o desconhecimento dos adolescentes sobre as DSTs. Doreto e Vieira (2007) verificaram que os adolescentes parecem conhecer em média 5 a 6 doenças que podem ser transmitidas pelo contato sexual, sendo a Aids a mais citada. Ainda no trabalho de Doreto e Vieira (2007), observou-se que, assim como o constatado nesta pesquisa, doenças como a sífilis, herpes

genital, gonorreia e HPV são pouco conhecidas. No estudo de Silva (2015), as DSTs mais citadas foram a AIDS e a sífilis, já no estudo de Nascimento e Lopes (2000), o resultado foi bem diferente, as DSTs mais citadas foram a hepatite B e a gonorreia. A gonorreia foi lembrada por poucos alunos que participaram da pesquisa e a hepatite B especificamente não chegou nem a ser citada nesse estudo.

A cândida foi lembrada por alguns alunos, ela é uma doença que causa bastante dúvida sobre ser ou não uma DST. Para o Ministério da Saúde (2006) a cândida é uma infecção endógena, já que é proveniente de microrganismos da própria microbiota, que se proliferam por causa de predisposição ou por causa de fatores que diminuam a imunidade do indivíduo (NASCIMENTO, 2011).

Para investigar o que os alunos sabem sobre as DSTs, foi solicitado que eles escrevessem sobre os sintomas, formas de transmissão, prevenção e qual o tratamento indicado para cada uma das doenças que eles haviam assinalado anteriormente. Em relação aos sintomas, 25% dos alunos não responderam, 25% afirmaram não saber quais os sintomas das DSTs, outros 50% responderam que os sintomas podem ser coceira, sangramento, verrugas, fraqueza, muito cansaço, febre, dor no corpo, emagrecimento, dor ao urinar e ao ter relações sexuais, pequenas manchas, machucados nas genitálias, secreções em tons anormais, falta de apetite, cheiros fortes no corrimento, imunidade baixa, muita tosse, enjoo, vômito, aparecimento de infecções e secreção de pus.

A12: Cada doença tem o seu sintoma como tontura, ânsia, manchas na pele.

A37: Vai acabando com o corpo, principalmente partes íntimas. Ou até deixando fraco e vai secando o corpo.

A 24: Verrugas, coceira e sangramento.

A 49: Dor ao urinar (queimação, etc.), ao ter relações sexuais.

A54: Enfraquecimento do sistema imunológico.

Metade dos alunos participantes não respondeu a questão ou afirmou não saber quais os sintomas que as DSTs possuem, o que não permite avaliar o nível de conhecimento deles sobre este aspecto das DSTs. O fato de não responderem e não saberem reconhecer os principais sintomas das DSTs é alarmante, já que constituem os conteúdos abordados ao se trabalhar o tema transversal ‘orientação sexual’: “nos terceiro e quarto ciclos já precisa abordar cada uma das principais doenças sexualmente transmissíveis, seus sintomas no homem e na mulher, enfatizando as condutas necessárias para sua prevenção.” (BRASIL, 1998, p. 326). Outro ponto é em relação à divulgação das informações acerca das DSTs por meio dos meios de comunicação, pois, segundo Monteiro e Monteiro (2005), a mídia estimula

o contato das pessoas com o conhecimento e isso auxilia os órgãos de saúde pública atingirem parte da população nas campanhas de prevenção as DSTs.

O conhecimento e a identificação dos sintomas aliados com o autoconhecimento são de extrema importância para buscar auxílio e, conseqüentemente, um diagnóstico mais rápido. Dos sinais e sintomas citados, o aparecimento de feridas pelo corpo e nas genitálias foi o mais citado, seguido de fraqueza, corrimento e coceira nos órgãos genitais. De acordo com as informações apresentadas no site do Ministério da Saúde (2020), verifica-se que, dentre os sintomas mais apontados pelos alunos, com exceção da fraqueza, os demais fazem parte das principais manifestações clínicas das DSTs (BRASIL, 2020).

Similar aos resultados desse estudo, em Brêtas *et al.* (2009), os sintomas mais mencionados pelos alunos foram feridas nos órgãos genitais, seguidos de corrimento e coceira nestes órgãos.

Sobre a forma de transmissão, 3% dos alunos responderam não saber, 9% não responderam, 50% afirmaram que as DSTs são transmitidas apenas por relação sexual, 38% dos alunos manifestaram que, além de serem transmitidas pela relação sexual, as DSTs podem ser transmitidas também por beijo, contato físico, objetos íntimos, compartilhamento de material cortante, oralmente, seringa, salivas, contato com sangue infectado e genética.

A26: Através do ato sexual e genética

A12: A maioria pelo contato físico, sexual ou pelos objetos.

A4: Através de relações sexuais, as vezes até com toque se a pessoa tem passa.

A29: Beijo, sexo, agulhas contaminadas.

De acordo com as informações disponibilizadas no Ministério da Saúde, as formas de transmissão das DSTs são, principalmente, por meio do contato sexual (oral, anal e vaginal), sem o uso de preservativo feminino ou masculino, com uma pessoa que esteja infectada, através da mãe para a criança durante a gestação, o parto ou a amamentação, e também de formas menos comuns que são pelo contato de mucosas ou pele não íntegra com secreções corporais contaminadas (BRASIL, 2020). Logo, verifica-se que, de forma geral, as formas de transmissão citadas pelos alunos, nesta investigação, são também as divulgadas e, considerando os currículos de Ciências e Biologia, são ensinadas em ambientes escolares.

Por outro lado, é possível observar nas respostas um vestígio da falta de informação em relação a alguns aspectos da transmissão das DSTs. Alguns alunos (3%) citaram que as DSTs podem ser transmitidas pela genética, o que é um erro conceitual já que nenhuma DST possui essa forma de transmissão. Outras formas de transmissão citadas pelos alunos revelam

que estes precisam de uma melhor abordagem escolar para sanarem suas dúvidas como, por exemplo, ao citarem o beijo como meio de transmissão de DSTs. Vale destacar que o contágio pelo beijo ocorre apenas se houver algum ferimento no interior da boca ou nos lábios e o contaminado tenha uma quantidade grande de vírus na saliva. De forma similar ocorre a transmissão pelo toque entre as pessoas e por objetos, ou seja, somente é possível caso aconteça contato da pele não íntegra ou mucosa com secreções contaminadas (BRASIL, 2006; BRASIL, 2011).

No estudo de Silva, Jacob e Hirdes (2015), grande parte dos participantes associaram as DSTs apenas ao ato sexual, não relatando outras formas de contaminação. Por outro lado, Pereira e Vale (2017) observaram que a maioria dos adolescentes expostos ao questionário demonstrou ter um bom nível de conhecimento prévio sobre a forma de transmissão das DSTs. Já na pesquisa de Doblaz *et al.* (2018), verificou-se que 70% dos alunos responderam corretamente a possibilidade de o indivíduo se contaminar com a AIDS a partir do beijo.

Em relação à prevenção das DSTs, 6% dos alunos não responderam essa questão e 3% afirmaram não saber como se prevenir das DSTs; 53% dos alunos manifestaram que somente o uso da camisinha é suficiente para se proteger; 10% afirmaram apenas que as pessoas devem se proteger, mas não especificaram qual tipo proteção é necessária; 22% citaram que, além do uso da camisinha, o uso de remédios e anticoncepcionais também são formas de prevenir as DSTs e 6% responderam que, para a prevenção das DSTs, não devemos dividir pertences de higiene e objetos íntimos.

A7: Pode se prevenir com preservativos e anticoncepcionais.

A64: Usa camisinha sempre e não dividir objetos íntimos com outras pessoas que possui a doença.

A36: Camisinha masculina e feminina

A 24: Utilizando anti concepional.

O fato de parte das meninas fazerem uso de métodos anticoncepcionais como forma de prevenção das DSTs, confundindo o que é um método de prevenção de gravidez e de uma DST é muito preocupante, pois deixa os adolescentes ainda mais expostos a riscos de contrair alguma DST.

Na pesquisa realizada por Martins *et al.* (2006, p. 320): “verificou-se que a maioria dos adolescentes mostrou ter, conhecimento considerado satisfatório acerca da prevenção de DST”. Também, no estudo de Oliveira *et al.* (2009), observou-se que praticamente todos os adolescentes afirmaram que conhecem algum método de prevenção, e assim como nesse estudo, o preservativo foi o método mais citado.

Oliveira *et al.* (2009) ressaltam que, apesar de todos os meios de comunicação, há uma falta de informação dos adolescentes sobre quais são as formas de prevenção das DSTs e dos métodos anticoncepcionais, além de também existirem crenças que estão enraizadas na sociedade.

Em relação ao tratamento das DSTs, 34 % responderam que este é feito com remédios e coquetéis, mas não falam que tipo de medicação e não indicam a procura de médico para que se tenha tratamento correto, 25% dos alunos afirmaram que deve-se procurar um médico para saber qual o tratamento adequado para cada caso, 22% manifestaram não saber qual o tratamento para DST, 13% não responderam essa questão e 6% afirmaram apenas que as DSTs não possuem cura apenas podem ser controladas, porém não escreveram como esse controle pode ser realizado.

A8: Algumas não tem cura, mas podem ser controladas.

A51: Varia de acordo com a doença, ir ao médico, ele irá falar o tratamento adequado.

A13: Pomadas, remédios orais, injetáveis, diminuir as relações, etc.

As DSTs podem acarretar muitos males ao organismo e cada uma tem um tipo de tratamento específico. Portanto, se houver suspeita de ter contraído alguma DST é fundamental procurar auxílio médico, ele indicará os exames necessários e o tratamento adequado, o diagnóstico precoce pode ser muito útil para o tratamento (BRASIL, 2020).

Conforme havia sido solicitado no questionário, 17% dos alunos responderam individualmente sobre cada uma das doenças que eles consideram uma DST. A Aids foi citada por 91% desses alunos e, em relação aos sintomas, os alunos citaram dores no corpo, tosse, fraqueza, cansaço frequente e imunidade baixa.

A19: A doença diminui a imunidade da pessoa, desta forma ela fica em risco para outras doenças.

Quando perguntados sobre a forma de transmissão, as respostas foram bem parecidas, afirmaram que através de relação sexual, beijo e contato com sangue contaminado. Em relação à prevenção, os alunos afirmaram que ter relação sexual com proteção, não ter contato com sangue infectado e não dividir pertences. Acerca do tratamento da Aids, os alunos afirmaram que é incurável e que a pessoa ao ser diagnosticada com AIDS deve fazer o uso de remédios indicados pelo médico.

A20: Ir ao posto e pedir os comprimidos (coquetel) para a doença.

A3: Enfraquecer o vírus, incurável.

No geral os aspectos destacados pelos alunos estão corretos, porém são superficiais e contêm algumas concepções distorcidas. Portanto, torna-se necessário um ensino mais efetivo acerca da AIDS para desmistificar algumas ideias, principalmente em relação ao(s) contágio, sintomas e tratamentos. De acordo com Brêtas *et al.* (2009), os adolescente possuem a informação, porém há necessidade de uma maior compreensão para promover um comportamento seguro.

A sífilis foi citada por 27% dos alunos que responderam separadamente cada doença, os quais citaram que os sintomas são coceira, ardência e vermelhidão nas genitais. Esses sintomas não são corretos, pois, de acordo com as informações fornecidas pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2007), uma pequena ferida nos órgãos sexuais e ínguas na virilha são os primeiros sintomas da sífilis, outros sintomas como manchas pelo corpo, queda de cabelo, cegueira, doença do coração e paralisia podem surgir, caso não ocorra um diagnóstico rápido ou se não for feito o tratamento adequado.

Sobre a transmissão afirmaram que ocorre através de relação sexual sem camisinha, por via oral e por compartilhamento de objetos pessoais. Os meios de transmissão citados pelos alunos são confirmados por Avelleira e Bottino (2006), os quais ressaltam que a maioria dos casos de sífilis é transmitido pela via sexual e que pode ocorrer também, de forma mais rara, através de objetos contaminados. Estes autores destacam, ainda, formas que não foram citadas pelos alunos: pela placenta da mãe para o feto e por transfusão sanguínea.

Quando abordados sobre a prevenção, os alunos afirmaram de forma correta que é feita com o uso de camisinha e sem compartilhamento de objetos pessoais, e, em relação ao tratamento da sífilis, os alunos novamente responderam corretamente que é necessário fazer exames, acompanhamento médico e fazer o uso de medicação indicada pelo médico. A sífilis é causada por uma bactéria chamada *Treponema pallidum* e, segundo Avelleira e Bottino (2006), o remédio usado para o tratamento da sífilis é a penicilina, porém vale ressaltar que o uso da medicação tem que ser indicada pelo médico, pois a automedicação e o uso indiscriminado de medicamentos podem causar a intoxicação, além do risco do aumento da resistência de bactérias no uso indiscriminado de antibióticos e dificultar o monitoramento das doenças.

A gonorreia foi citada por 36% dos alunos que responderam individualmente cada doença. Acerca dos sintomas, os alunos citaram a presença de feridas graves, corrimento com odor e cor forte e vermelhidão nas genitálias. Dos sintomas citados, os alunos estão

equivocados em relação às feridas graves e a vermelhidão nas genitálias. Segundo Penna, Hajjar e Braz (2000), os sintomas nos homens são inflamação no canal da uretra com dor e/ou ardor ao urinar e excreção de uma secreção purulenta pela uretra, e nas mulheres a doença pode ser assintomática, mas pode levar a infertilidade.

Sobre a transmissão da gonorreia, os alunos citaram que ocorre por relação sexual sem camisinha e também por via oral. As formas de transmissão citadas estão corretas, porém nem todos os meios possíveis foram lembrados pelos alunos. De acordo com Fonseca (2011), a transmissão da gonorreia ocorre, também, por contato sexual e de mãe para filho ainda no útero, durante o parto e através do leite materno. Em relação à prevenção, os alunos afirmaram de forma correta que o uso de camisinha durante as relações sexuais é o único meio eficaz de se prevenir. Quanto ao tratamento da gonorreia, assim como nas outras doenças já citadas, os alunos responderam que é feito com medicamentos e auxílio de um médico.

A cândida foi considerada DST por 27% dos alunos que falaram separadamente de cada doença. Os alunos afirmaram que os sintomas da cândida são coceira vaginal, muco e mau cheiro. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2006), os sintomas são corrimento vaginal, prurido, dor à micção, dor durante a relação sexual e odor fétido, ou seja, nem todos os sintomas foram citados pelos alunos.

Em relação à transmissão, os alunos afirmaram que ocorre se compartilhar roupa íntima, objetos íntimos e através de relação sem camisinha. Sobre este aspecto, Giolo e Svidzinski (2010) afirmam que a candidíase pode ser transmitida através de relações sexuais desprotegidas, porém está associada também à queda da imunidade, uso de antibióticos, imunossupressores e corticoides, e à gravidez. E sobre prevenção da cândida alunos afirmaram usar camisinha e não dividir os pertences íntimos, o que realmente são formas de prevenção, porém, além disso, é importante ter uma alimentação saudável e cuidar da higiene íntima.

Os alunos afirmaram que o tratamento da cândida é feito com comprimidos e o uso de pomadas. De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2006), o tratamento da cândida com remédios antifúngicos deve ser feito somente nos casos recorrentes ou de difícil controle. É importante lembrar que é necessário procurar um médico para saber qual tratamento é mais adequado.

A herpes foi citada por 36% dos alunos que escreveram separadamente sobre cada doença, os alunos não especificaram se estavam abordando sobre a herpes simples ou sobre a

herpes genital. Em relação aos sintomas, os alunos escreveram que são feridas pelo corpo, além da boca e das genitais, além desses sintomas, Mello (2016) afirma que também são sintomas de herpes pequenas bolhas que causam coceira, ardor e formigamento, e, no caso da herpes genital, os sintomas são febre e ardor ao urinar.

Os alunos afirmaram que a transmissão da herpes ocorre através do beijo, relação sexual sem proteção e também por beber em copos contaminados, afirmativa a qual está correta, uma vez que a herpes é transmitida a partir da secreções das lesões presentes na pessoa infectada. Sobre a prevenção, afirmaram que deve-se fazer o uso da camisinha e não compartilhar utensílios, e, quanto ao tratamento da herpes, os alunos afirmaram que é feito por medicamentos

Apesar de em geral terem respondido de maneira correta, porém, muitas vezes, de forma superficial, torna-se, também, preocupante que tão poucos alunos tenham diferenciado os sintomas, as prevenções e as formas de transmissão de algumas DSTs. No estudo de Brêtas *et al.* (2009), também observou-se um pequeno número de adolescentes que demonstrou saber conhecer informações básicas das DSTs.

Sabemos que a melhor forma de se proteger das DSTs é utilizando os métodos de prevenção, em consequência disso, perguntamos aos alunos quais os métodos eles utilizam ou pretendem usar, caso ainda não tenha iniciado a vida sexual. Em resposta a essa pergunta, 73% dos alunos assinalaram a camisinha masculina, esse resultado era esperado por causa da facilidade ao seu acesso, bem como a atenção que a mídia dá, principalmente em épocas como o carnaval. Apenas 19% indicaram o uso da camisinha feminina, uma vez que é um método menos destacado nos meios multimidiáticos. No estudo de Prudente *et al.* (2017), 76% dos adolescentes apontaram que o uso de preservativo em todas as relações sexuais seria a melhor maneira de prevenção.

O uso de anticoncepcional foi citado por 55% dos alunos como forma de prevenção das DST, este número de alunos é grande e preocupante, uma vez que mostra um desconhecimento grave entre os alunos que participaram desse estudo, os quais confundiram um método contraceptivo com um método de prevenção às DSTs. Da mesma forma errônea, outros métodos contraceptivos também foram citados como forma de prevenção às DSTs: pílula do dia seguinte (17%), coito interrompido e a tabelinha (6%), DIU (5%) e espermicida (2%). No estudo de Ferreira, Miranda e Baroni (2016, p.58), uma pequena parte das adolescente afirmam fazer o uso da tabelinha e do coito interrompido como métodos

anticoncepcionais seguros para a proteção contra DST, demonstrando que “não sabem que a camisinha é o único método seguro para evitar gestação e DST” (FERREIRA, 2016, p.58)

Os demais alunos (6%) assinalaram a opção outros, porém apenas um aluno escreveu qual seria a opção, a qual é totalmente equivocada, uma vez que as DSTs podem ser transmitidas por meio de maneiras diferentes da relação sexual.

A3: Ser virgem permanentemente.

Quando questionados sobre o que a pessoa deve fazer ao ser diagnosticada com alguma DST, 81% dos alunos afirmaram que é necessário buscar ajuda profissional de um médico ou posto de saúde, além de tomar os remédios prescritos corretamente. Dentre esses alunos, 2% afirmam que deve-se ir ao médico apenas para confirmar se realmente contraiu alguma DST e 3% acrescentaram que é necessário também o uso de preservativo durante as relações sexuais.

A64: Ela deve se tratar, procurar um médico, e se prevenir para que sua doença não seja transmitida para outras pessoas.

A48: Procurarem tratamento médico e evitarem relações sexuais sem preservativo.

Por outro lado, 19% dos alunos não citaram a procura de auxílio médico, afirmaram apenas que ao ser diagnosticado é necessário ter cuidado durante a relação sexual e que é preciso avisar ao parceiro sobre a DST.

A12: Quando a pessoa recebe essa notícia deve alertar o próximo sobre os cuidados.

A54: Colocar em quarentena até estar curada (ou se no caso aids, incurável, permanentemente).

No que se refere ao conhecimento em relação ao que é preciso fazer ao ser diagnosticado com uma DST, pudemos observar que a maioria dos alunos sabe que é necessário auxílio médico e dos profissionais da saúde, mas há uma parcela considerável que não acredita ser necessário o acompanhamento médico para as DSTs, isso mostra que o tema deve ser continuamente abordado, e que a junção das escolas, famílias, comunidade médica e órgãos governamentais podem ampliar o conhecimento dos jovens sobre o assunto. Oliveira *et al.* (2009) acreditam que junção dos meios multidisciplinares podem ajudar os adolescentes a melhorar a educação sexual, melhorando conseqüentemente o seu ponto de vista e a maneira de lidar com o diagnóstico de DST.

4.3. Local de aquisição das informações

É importante saber onde os alunos procuram e/ou recebem informações sobre as DSTs, portanto, ao serem questionados acerca deste aspecto, citaram os seguintes meios de acesso: internet (75%), profissionais da saúde (37%), escola (34%), pais (25%), televisão (22%), panfletos informativos (17%), revista e livros (12%), amigos (12%), nunca procuraram saber sobre as DSTs (12%) e familiares (9%).

Como podemos perceber, a maioria dos alunos procura informações na internet para tirar suas dúvidas, a qual possui vários dados sobre DST, mas nem todos são seguros, o que pode tornar baixo o nível de conhecimentos importantes para a proteção dos adolescentes; essa busca pela informação na internet pode ocorrer pelo fato de os adolescentes sentirem vergonha de conversar sobre o tema. Segundo Barreto e Santos (2009), o fato de uma parcela de adolescentes não gostar de conversar sobre sexualidade, provavelmente deve-se a preconceitos e tabus, e das raízes culturais oriundas da educação que recebeu na infância.

O fato de a escola ter sido citada por um pequeno número de alunos também nos faz refletir, uma vez que este tema é trabalhado, de forma curricular, nas disciplinas de Ciências e Biologia, assim como de forma transdisciplinar por ser um tema transversal.

Sobre este aspecto, Brêtas *et al.* (2009) afirmam em seu trabalho que os alunos indicaram os professores como fonte confiável para retirar as dúvidas sobre as DSTs, o que mostra a importância da escola como local para diálogo aberto, acolhimento das dúvidas e inseguranças dos adolescentes em relação ao tema sexualidade, além de permitir o compartilhamento de decisões responsáveis, ajudam os adolescentes a serem menos susceptíveis em relação às DSTs. Bandeira, Silva e Lameirão (2019) também verificaram em seu trabalho que a escola foi o local onde a maioria afirmou receber informações sobre DSTs, ressaltando que a escola é de extrema importância nessa fase da adolescência por estimular a saúde e prevenção de forma correta.

4.4. Como abordar as doenças sexualmente transmissíveis no âmbito escolar

O tema sexualidade e seus eixos precisam ser abordados pelos professores e pela escola. A explanação desses conteúdos deve ocorrer de acordo com a faixa etária e nível escolar do aluno. Já nos primeiros anos do ensino fundamental, os alunos começam a aprender sobre o funcionamento do seu corpo e as diferenças entre meninos e meninas. Para Lima e Santos (2016), o ideal é ensinar para as crianças o que ocorre com o corpo e com o

psicológico dela em cada fase da vida, essa aprendizagem deve ser feita em conjunto dos pais e professores, dessa forma terá um bom desenvolvimento e com orientações corretas.

Trabalhar os conteúdos de forma superficial pode não efetivar o conhecimento de forma clara para os alunos. Segundo Lima e Santos é preciso ter cuidado e coerência nas respostas que serão dadas aos alunos, principalmente em relação às questões sexuais. É necessário que o aluno compreenda e fique convencido sobre a explicação dessa forma o aluno não irá tirar dúvidas com pessoas que não sejam capacitadas e nem em fontes com informações errôneas (LIMA; SANTOS, 2016).

Para Jardim e Brêtas (2006), para ocorrer uma aprendizagem real sobre as DSTs e sobre a sexualidade é essencial que a escola trabalhe o tema de maneira a incluir todas as disciplinas, além de proporcionar para os professores programas de capacitação, dessa forma o professor se sentirá mais preparado para trabalhar com temas polêmicos e lidar com valores, tabus e preconceitos que os alunos trazem de casa.

O trabalho nas escolas deve ser feito de maneira contínua, para isso é necessário que o trabalho tenha como base as dúvidas dos alunos. Para Doblas *et al.* (2018), criar situações problemas com os alunos permite que eles deem sua opinião e debatam com o professor e entre eles de maneira mais tranquila, além disso o uso de slides para complementar o conteúdo ministrado também se mostra muito eficiente

Bandeira, Silva e Lameirão (2019) afirmam que oficinas e palestras com professores e profissionais da saúde sobre o corpo, métodos contraceptivos e DSTs atraem bastante atenção dos alunos. No estudo de Martins e Souza (2013), oficinas didáticas, e dinâmicas de grupo como jogos, elaborados pelos professores, foi de grande aceitação para os alunos: “foi o único momento em que eles puderam conversar abertamente sobre os temas propostos” (MARTINS; SOUZA, 2013, p. 174).

É necessário que a escola trabalhe em conjunto com a família e universidades e faculdades locais que possuem projetos de extensão e iniciação à docência, para dessa forma obterem mais sucesso em desmistificar ideias e crenças que o aluno carrega (MOIZÉS; BUENO, 2010).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os resultados apresentados, conclui-se que os alunos parecem possuir conhecimento superficial sobre os sintomas das DSTs. Embora a maioria dos alunos que

respondeu o questionário tenha afirmado que a camisinha é a forma de prevenção das DSTs é possível identificar que há alunos que confundem os métodos de prevenção com os métodos contraceptivos.

Em relação à transmissão houve um grande número de alunos que afirmaram que esta ocorre apenas através da relação sexual e uma porcentagem menor, que citou, além da transmissão por meio da relação sexual, outros meios. Apesar de corretos, esse resultado revela que este assunto precisa de uma melhor abordagem para sanar dúvidas e eliminar concepções errôneas.

Sobre o tratamento das DSTs, muitos alunos não responderam ou afirmaram não saber, o que é preocupante já que as DSTs trazem vários transtornos, pois o ideal é procurar auxílio médico para receber o melhor tratamento de acordo com a DST.

Foi possível perceber que a preocupação dos alunos, em relação aos possíveis riscos de adquirir alguma DST, é grande já que a maioria afirmou que qualquer pessoa que não se protege pode contrair uma DST. Esse dado é tranquilizante porque nessa fase da adolescência eles estão iniciando a vida sexual e é necessário saber que precisam se prevenir, pois não estão imunes as DSTs.

O fato da maior parte dos alunos indicar a internet, mostra que é preciso ampliar as ações educativas de orientação sexual na escola, pois na internet é possível encontrar informações incompletas e equivocadas.

Para se trabalhar o tema DST nas escolas é importante capacitar o professor e dar apoio para que ele possa se sentir preparado para trabalhar as diversidades e polêmicas que envolvem a temática. Oliveira *et al.* (2009) afirma a necessidade de uma organização entre as equipes de saúde, a família e a escola, para aperfeiçoar a educação sexual dos adolescentes. Salienta-se também que é indispensável o uso de metodologias como jogos, oficinas didáticas, debates sobre as DSTs e a sexualidade, além de aulas expositivas e dialogadas, para a conscientização dos e a importância da prevenção das DSTs.

Conclui-se, dessa forma, que apesar dos alunos saberem que é necessário a prevenção para não adquirir DST, o conhecimento dos alunos é superficial, reforçando a necessidade de desenvolver uma abordagem estratégica e para estes alunos, a fim de oferecer conhecimentos corretos e apropriados para cada fase da vida do adolescente, promovendo mudanças a longo prazo no comportamento em relação às DSTs.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. A. de. Orientação Sexual nas escolas: **seria possível se não incomodasse?** 2009. 103 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009.

AVELLEIRA, J. C. R.; BOTTINO, G. Sífilis: diagnóstico, tratamento e controle. **An. Bras. Dermatol**, Rio de Janeiro, v.81 n.2, Mar./Apr. 2006. p. 111-126 Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0365-05962006000200002. Acesso em: 19 out. 2020.

BAILER, C.; TOMITCH, L. M. B.; D'ELY, R. C. S. F. Planejamento como processo dinâmico: a importância do estudo piloto para uma pesquisa experimental em linguística aplicada. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 24, n.2, Jun./Dez. 2011. P.129-146, São Paulo. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/10118/7606>. Acesso em: 12 mai. 2020.

BANDEIRA, J. A. F.; SILVA, A. de S.; LAMEIRÃO, S. V. de O. C. Formação de multiplicadores na prevenção de DST/AIDS em escolas públicas de Santarém-PA. **Rev. Ext. Integrac. Amaz.** Santarém, v. 01, n. 02, 2019, p. 57-59. Disponível em: [file:///C:/Users/USER/Downloads/1174-Texto%20do%20artigo-2377-1-10-20191226%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/USER/Downloads/1174-Texto%20do%20artigo-2377-1-10-20191226%20(2).pdf). Acesso em 4 Nov. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edição 70, 2016.

BARRETO, A.C.M.; SANTOS, R.A. Vulnerabilidade da Adolescente às Doenças Sexualmente Transmissíveis: Contribuições para a Prática da Enfermagem. Esc. **Anna Nery Rev. Enferm.** Rio de Janeiro, v.13, n.4, p. 809-816, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v13n4/v13n4a17>. Acesso em: 20 set. 2020.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso em: 12 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros Curriculares Nacionais - terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico AIDS e DST**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos de atenção básica HIV/Aids, hepatites e outras DST**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Doenças sexualmente transmissíveis (DST)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para prevenção da transmissão vertical de HIV, Sífilis e Hepatites virais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diagnóstico das IST**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

BRÊTAS, J. R. da S. *et al.* Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. **Rev. Esc. Enferm. USP**. São Paulo, v.43, n.3, p. 551-557, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n3/a08v43n3>. Acesso em: 25 Set. 2020.

CARNEIRO, R.F. *et al.* Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. **Sanare**, Sobral, v.14 n.1, p.104-108, 2015. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/617>. Acesso em: 13 Out. 2020.

COELHO, R. F. S. *et al.* Conhecimentos e crenças sobre doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS entre adolescentes e jovens de escolas públicas estaduais da região oeste de Goiânia. **Rev. Patol. Trop.**, Goiânia, v. 40, n. 1, p. 56-66. jan./mar. 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/USER/Downloads/13914-Article%20Text-55290-2-10-20120131%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/USER/Downloads/13914-Article%20Text-55290-2-10-20120131%20(2).pdf). Acesso em: 25 Set. 2020

DOBLAS, P. C. *et al.* Diferentes formas de abordar as doenças sexualmente transmissíveis no âmbito escolar. **Rev. Experiências em Ensino de Ciências**. Cuiabá, v.13, n.4, 2018, p. 393-404. Disponível em: https://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID523/v13_n4_a2018.pdf. Acesso em: 19 Out. 2020

DORETO, D. T.; VIEIRA, E. M. O conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes de baixa renda em Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**. São Paulo, v.23, n.10, 2007, p.2511-2516. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007001000026>. Acesso em: 25 set. 2020.

FERREIRA J.P.T.; MIRANDA T.; BARONI A.L.L.R. Conhecimento sobre as DST entre adolescentes escolares em Vespasiano, Minas Gerais. **Revista Adolescente e Saúde**. Rio de Janeiro, V.13, n.2 2016, p.51-59. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=584. Acesso em: 26 set. 2020.

FONSECA, Z. C. **Prevalência e fatores de riscos associados à Infecção por *Neisseria gonorrhoeae* em Adolescentes e Jovens do sexo feminino em um município de médio porte do estado de Goiás**. 2011. 84 f. Dissertação (Mestrado em Medicina Tropical e Saúde Pública) – Programa de Pós-Graduação em Medicina Tropical e Saúde Pública. Universidade Federal de Goiás. 2011.

FRANCIA, C. C. D. de A. Pediculose. **Museu escola do IB**. São Paulo. Disponível em: https://www2.ibb.unesp.br/Museu_Escola/2_qualidade_vida_humana/Museu2_qualidade_sau_de_sexualmente12.htm. Acesso em: 22 Out. 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIOLO, M. P.; Svidzinski, T. I. E. Fisiopatogenia, epidemiologia e diagnóstico laboratorial da candidemia. **Patol Med Lab.**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 3, p. 225-234, Jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/jbpm/v46n3/a09v46n3.pdf>. Acesso em: 22 Out. 2020.

JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J. R. da S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. **Rev. Bras. Enferm**, Brasília, v.59, n.2 Mar./Apr. 2006, p.157-162. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v59n2/a07.pdf>. Acesso em: 3 Nov. 2020.

MARTINS, L.B.M., *et al.* Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v. 22, n. 2, p. 315-323. Rio de Janeiro, Fev., 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v22n2/09.pdf>. Acesso em: 5 Out. 2020.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Rev. Esc. Enferm. USP. São Paulo**, v.44 n.1, Mar. 2010, p. 205-212. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reesp/v44n1/a29v44n1.pdf>. Acesso em: 4 Nov. 2020.

MOREIRA, B.L.R; FOLMER, V. Educação Sexual na Escola: construção e aplicação de material de apoio. **Revista Experiência em Ensino de Ciências**, v. 6 n.2, p.151- 160, 2011. Disponível em: http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID153/v6_n2_a2011.pdf. Acesso em: 26 set. 2020.

NASCIMENTO, L. C. S.; LOPES, C. M. Atividade sexual e doenças sexualmente transmissíveis em escolares do 2º grau de Rio Branco-Acre, Brasil. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.8, n.1, Jan. 2000, página inicial e final? Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-11692000000100015&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em: 25 set. 2020.

NASCIMENTO, A. R. do. **Infecção Relacionada à Assistência à Saúde causada por leveduras do gênero *Candida***. 2011. 37 f. Monografia (Especialização em Microbiologia Aplicado às Ciências da Saúde) –Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-99RGMZ/1/especializa__o_microbiologia_adriana_rocha_do_nascimento.pdf. Acesso em: 30 Out. 2020

OLIVEIRA P. S. de *et al.* Vulnerabilidade de adolescentes às doenças sexualmente transmissíveis na atenção primária. **Rev. enferm UFPE online**, Recife, v.12, n.3, Mar., 2018, p. 753-762. Disponível em: [file:///C:/Users/USER/Downloads/25063-106849-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/USER/Downloads/25063-106849-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 22 Out. 2020.

OLIVEIRA D.C., Pontes A.P.M., Gomes A.M.T., Ribeiro M.C.M. Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das DST/ HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.** Rio de Janeiro, v.13, n.4, 2009, p. 833-841. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/eean.edu.br/pdf/v13n4a20.pdf>. Acesso em: 30 Set. 2020.

PENELLO, A. M. *et al.* Herpes Genital. **J bras Doenças Sex Transm.** Niterói, v.22, n. 2, 2010, p. 64-72. Disponível em: <http://pdi.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/303/2018/02/r22-2-2010-3-Herpes-Genital.pdf>. Acesso em: 6 Nov. 2020.

PENNA, G. O.; HAJJAR, L. A.; BRAZ, T. M. Gonorréia. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical.** V.3, n.5, set-out, 2000, p.451-464,. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsbmt/v33n5/3125.pdf>. Aceso em: 21 de out. 2020.

PEREIRA, E. F.; VALE, Y. F. DO. **Prevalência do conhecimento sobre IST/AIDS em adolescentes de escolas públicas na cidade de Aracaju/SE.**2017. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Farmácia. Universidade Federal de Sergipe. 2017.

PRUDENTE, D. R. *et al.* **Conhecimentos sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST) entre adolescentes e adultos jovens em instituições de ensino do município de Firminópolis – GO.** 2017. Departamento de Enfermagem da Faculdade Montes Belos. São Luís de Montes Belos, 2017. Disponível em: http://faculdamontesbelos.com.br/wp_content/uploads/2017/11/Efermagem_4_2017.pdf. Acesso em: 20 Set.2020.

SANTOS, I. A. dos.; RUBIO, J. de A. S. A Orientação Sexual nos anos iniciais do Ensino Fundamental: Possibilidades e Desafios. **Revista Eletrônica Saberes da Educação,** São Roque, v. 4, n. 1 – 2013. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Inaia.pdf>. Acesso em: 3 Nov. 2020.

SILVA, R. da. Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs. **Educar em Revista,** Curitiba, v. 31, n. 57, 2015, p. 221-238. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n57/1984-0411-er-57-00221.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

SILVA, A. T. da; JACOB, M. H. V. M.; HIRDES, A. Conhecimento de adolescentes do ensino médio sobre DST/AIDS no sul do Brasil. **Aletheia [online].** v.46, n.1, Jan./abr. 2015, p. 34-49, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/3230/2379>. Acesso em: 21 Out. 2020

Sociedade Brasileira de Dermatologia Regional São Paulo. **Herpes pode ser transmitido pelo batom; conheça as “doenças da maquiagem”**, 2020. Disponível em: <https://www.sbd-sp.org.br/geral/herpes-pode-ser-transmitido-pelo-batom-conheca-as-doencas-da-maquiagem/>. Acesso em 6 Nov. 2020.

SOUSA, L. B.; FERNANDES, J. F. P.; BARROSO, M. G. T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paul Enferm.**

Fortaleza, v. 19, n.4, 2006. p.408-413, Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ape/v19n4/v19n4a07.pdf>. Acesso em: 21 Out. 2020.

APÊNDICES

Apêndice A: Questionário aplicado aos alunos sobre a temática DST.

Este questionário integra o estudo que eu, Larina Albuquerque, acadêmica do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), me encontro a desenvolver para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso designado “Conhecimentos, práticas e percepções de risco em relação às doenças sexualmente transmissíveis dos alunos do terceiro ano do ensino médio das escolas públicas de MUNDO NOVO – MS”. Esse questionário é anônimo e confidencial. Por favor, responda com sinceridade, pois a sua colaboração é fundamental. Agradeço a sua participação e disponibilidade no preenchimento do questionário

Nome da instituição de Ensino: _____

Turma _____ Data de nascimento _____ Gênero _____

1. Você já ouviu falar em Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs)?

Sim Não

2. Você considera que as DSTs são:

Muito graves. Pouco graves. Não apresenta nenhum grau de gravidade. Não sei.

3. Quais as pessoas que podem pegar DSTs? _____

4. Assinale quais doenças são consideradas DSTs.

Aids Sífilis Gonorreia Dengue Cândida Malária Cancro Mole Hepatite Viral

Leishmaniose Toxoplasmose Sarampo Herpes HPV Outros

5. Em relação às DSTs que você citou na questão anterior, diga o que sabe sobre elas, relação à: (use o verso da folha)

a) Sintomas:

b) Transmissão:

c) Prevenção:

d) Tratamento:

6. Você já utilizou, utiliza algum método de prevenção de DST (ou no caso de ainda não ter iniciado sua vida sexual, pretende utilizar quando iniciá-la)? Qual ou Quais?

Pílula anticoncepcional Pílula do dia seguinte Camisinha masculina DIU Camisinha feminina Espermicida Coito interrompido Tabela Outros

7. Onde você procura informações sobre DSTs? (Obs.: você pode assinalar quantas opções forem necessárias)

Na escola pais Televisão Internet Panfletos informativos Revistas/Livros

Profissionais da Saúde/Médico Familiares Amigos

Outros, quais? _____

nunca procurei saber sobre as DSTs

8. O que a pessoa deve fazer ao ser diagnosticada com alguma DSTs? _____

Muito obrigada pela sua colaboração.

Apêndice B: Teste piloto aplicado sobre a temática DST.

Este questionário integra o estudo que me encontro a desenvolver para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso designado “Conhecimentos, práticas e percepções de risco em relação às doenças sexualmente transmissíveis dos alunos do terceiro ano do ensino médio das escolas públicas de MUNDO NOVO – MS”. Esse questionário é anônimo e confidencial. Por favor, responda com sinceridade, pois a sua colaboração é fundamental. Agradeço a sua participação e disponibilidade no preenchimento do questionário

Nome da instituição de Ensino: _____

Turma _____ Data de nascimento _____

1. Você já ouviu falar em Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs)?

Sim Não

2. Você considera que as DSTs são:

Muito graves. Pouco graves. Não apresenta nenhum grau de gravidade. Não sei.

3. Quais as pessoas que podem pegar DSTs?

4. Cite quais DSTs você conhece.

5. Em relação às DSTs que você citou na questão anterior, diga o que sabe sobre elas, relação à: (use o verso da folha)

a) Sintomas:

b) Transmissão:

c) Prevenção:

d) Tratamento:

6. Você já utilizou, utiliza algum método de prevenção de DST (ou no caso de ainda não ter iniciado sua vida sexual, pretende utilizar quando iniciá-la)? Qual ou Quais?

Pílula anticoncepcional Pílula do dia seguinte Camisinha masculina

Camisinha feminina DIU Espermicida Coito interrompido Tabela

Outros _____

7. Onde você procura informações sobre DSTs? (Obs.: você pode assinalar quantas opções forem necessárias)

Na escola pais Televisão Internet Panfletos informativos Revistas/Livros

Profissionais da Saúde/Médico Familiares Amigos

Outros, quais? _____

nunca procurei saber sobre as DSTs

8. O que a pessoa deve fazer ao ser diagnosticada com alguma DSTs?

Muito obrigada pela sua colaboração.

Apêndice C: Quadros com quantidade e percentual de respostas dos alunos que responderam o questionário.

Quadro 2: Respostas dos alunos que ouviram ou não falar em DSTs

Descrição	Quantidade	Percentual
Total de alunos que já ouviram falar sobre DSTs.	63	98%
Total de alunos que não ouviram falar sobre DSTs.	1	2%
Total de alunos participantes da pesquisa	64	100%

Quadro 3: Respostas dos alunos sobre o grau de gravidade das DSTs

Descrição	Quantidade	Percentual
Total de alunos que consideram muito grave	57	89%
Total de alunos que consideram pouco grave	1	2%
Total de alunos que não souberam responder	6	9%
Total de alunos que consideram não ter nenhum grau de gravidade	0	0%
Total	64	100%

Quadro 4: Respostas dos alunos acerca de quais doenças são consideradas DSTs

Doença	Assinalaram	Percentual
Aids	63	98%
Sífilis	34	53%
Herpes	34	53%
HPV	34	53%
Gonorreia	28	44%
Cândida	11	17%
Cancro Mole	7	11%
Hepatite viral	3	5%
Sarampo	2	3%
Malária	1	2%
Dengue	1	2%
Leishmaniose	1	2%
Toxoplasmose	1	2%
Outros 1 (Verruga)		2%

Quadro 5: Respostas dos alunos acerca dos métodos de prevenção de DSTs

Método	Assinalaram	Porcentagem
Camisinha masculina	47	73%
Anticoncepcional	35	55%
Camisinha feminina	12	19%
Pílula do dia seguinte	11	17%
Coito interrompido	4	6%
Tabelinha	4	6%
DIU	3	5%
Espermicida	1	2%
Outros:	4	6%

Quadro 6: Respostas dos alunos sobre onde procuram informações em relação as DSTs.

Local para informações	Assinalaram	Porcentagem
Internet	48	75%
Profissionais da saúde	24	37%
Escola	22	34%
Pais	16	25%
Televisão	14	22%
Panfletos informativos	11	17%
Revistas / livros	8	12%
Amigos	8	12%
Familiares	6	9%
Nunca procurei saber sobre DSTs:	8	12%